

1 Introdução

Este ensaio versa sobre um tema clássico, a um só tempo o mais fundamental e instigante do pensamento, de que é síntese a angustiosa mãe de todas as questões: –

Qual é o sentido da vida?

Como é evidente, essa célebre indagação não se dá quando a vida “*faz sentido*”, como quando se pode gozar seus delicados prazeres: a alegre contemplação da beleza do mundo, o enlevo de amar e ser amado, enfim, todas as multiformes manifestações da graça. Ao contrário, só indagamos se a vida faz sentido quando somos tomados de assalto pela infelicidade, quando nos damos conta da terrível gravidade que nos tenta submergir sempre mais na lama do mundo; quando, enfim, a sombra da desgraça nos envolve e asfixia. – Toda filosofia é triste.

O tema desse ensaio é, portanto, o problema do sentido da vida, ou melhor, o terrível problema da sua *falta* de sentido; sem o qual não existiria pensamento, pois que este nasce do espanto, que é medo do absurdo – ou quiçá angústia, se o absurdo não for propriamente um objeto. Espanto não porque haja ser ao invés de nada, mas porque há – nada – há falta – de bem, de belo, de verdade, de ordem, de ser; enfim, – há males.

O absurdo parece mesmo peculiar à condição *existencial* do homem, enquanto ente finito, tragicamente exilado do conforto do Ser: – *Aí jamais encontraria algo que lhe provocasse um questionamento sobre a razão ou o sentido da existência, pois que não lhe faltaria nem uma coisa nem a outra.* – Mas, porquanto existe (o que só é possível graças ao fato mesmo de não estar placidamente asilado no Ser), o homem é confrontado com o absurdo, o qual reconhece como algo que não merece e não deve ser preservado, mas que, ao contrário, é preciso combater: – um mal, portanto. – Em contrapartida, porém, em tudo quanto causa repulsa; tudo cuja existência é percebida como imprópria – isto é, em todos os males – também falta sentido.

Esse absurdo em que consiste o mal (ou esse mal em que consiste o absurdo), manifesta-se na vivência concreta da – *dor inútil* – que se *sofre*, ou que se *inflige*, e ainda no fato mesmo de sermos suscetíveis a ambas as experiências: Em todas resta sempre

o dilacerante sentimento de que *não está bem* que seja assim, *não está certo*, *não faz sentido*, – *não deveria ser* – assim como – de fato – é.

Quando a felicidade se faz presente a fruímos. – E quando se faz ausente, nos perguntamos: por quê? – A bem-aventurança não provoca a razão, como a saúde não se percebe até que a doença se faça presente (ainda que apenas como representação). A felicidade é como deve ser; é um bem; é o sentido da vida. Ao contrário, a desgraça é sempre sentida como algo que priva o real de sentido, um problema que precisa ser dirimido, um estorvo que deve ser extirpado para que a *paz*, a *lógica*, a *justiça* e a *ordem* sejam, finalmente, restauradas.

Sendo o que não *devia* ser, a existência positiva do mal é a indesejada presença da irracionalidade e do caos na experiência cotidiana de cada homem que a padece:

– O Mal não é simplesmente falta de Ser, mas o ser da Falta.

Se o motor da filosofia for a conjectura da possibilidade de não haver sentido, e ainda a necessidade premente do pensamento de descobri-lo a todo custo, e mesmo de criá-lo, se tanto for preciso; também a religião é movida pela ameaça do absurdo e pela carência de sentido, oferecendo respostas metafísicas, e tantas vezes dogmáticas, aos problemas, tão mais propriamente filosóficos quanto mais existenciais, suscitados no confronto cotidiano com um real que se nos afigura, amiúde, terrivelmente eivado de contradições.¹ – A religião e a filosofia são filhas do mesmo espanto!

Entre tais soluções religiosas ou metafísicas – o que, desde Kant, redundava no mesmo – para as questões primordiais do homem, nenhuma foi tão poderosa quanto Deus, suposta panacéia contra todos os males do espírito: Mesmo se a contingência a que, por sermos humanos, estamos sujeitos nos impede de percebermos o Sentido de todas as coisas, podemos seguir confiantes de que ele existe, embora nos transcenda. Além das vicissitudes de nossas existências finitas, fora do tempo em que perecemos, está o Eterno, incólume e soberano, no sagrado domínio do supra-sensível: – a nossa origem e ao mesmo tempo o nosso destino, Deus é a garantia absoluta de que, afinal, vai dar tudo certo para os que confiam em sua providência.

– Mas será mesmo assim? Ou a experiência crua de algumas pessoas contraria toda e qualquer esperança? Pode-se remir males absolutamente irremissíveis? Pode-se justificar a morte à míngua de uma criança; a crueldade impune e a dor inútil das suas vítimas; a desgraça absoluta de certas almas cujas memórias não têm sequer o registro de uma alegria; a sujeição ao trabalho sem outra recompensa além da perpetuação em

uma existência triste e absurda; os extermínios em massa; o abandono; as doenças do corpo e da mente; e incontáveis outros sofrimentos sem propósito, que cada homem, desde que minimamente lúcido, pode elencar por sua própria conta?

Com efeito, se um Deus onipotente e justo for a origem de todas as coisas, como pretende o monoteísmo, há que se explicar porque algumas delas nos parecem tão incoerentes com a sua suposta procedência divina. Se tais justificações não forem consistentes, não se poderá racionalmente fundamentar em Deus a justiça e a ordem do universo, e tampouco uma moral capaz de reger em termos absolutos a sociedade dos homens.

Com efeito, a doutrina monoteísta, teológica ou filosoficamente considerada, ou mesmo segundo as assimilações inconscientemente realizadas por filosofias que se pretendiam radicalmente seculares, foi, por muito tempo, um sólido baluarte contra o relativismo, tanto metafísico quanto moral. Mas as investidas do absurdo, conquanto tenham motivado o reforço das suas muralhas, acabaram por solapar completamente as suas estruturas racionais – sobretudo após os eventos trágicos do século passado – de sorte que agora só lhe restam os escombros.²

Esse ensaio se pretende um simples esboço de análise crítica da idéia de Deus como tentativa de resposta metafísica e religiosa ao problema do sentido, assim como de certos argumentos em defesa dessa idéia. – Pretende ainda, e sobretudo, investigar o fracasso das teodicéias em dar conta do problema do mal.

O problema do mal é o argumento mais incontrovertido contra a fé em Deus e em prol do ateísmo, razão pela qual angustia (nas raras ocasiões em que é colocado) o espírito de mais da metade da população dos homens que habitam o planeta.³

Nas últimas décadas, a consolidação de uma série de teorias científicas, dentre as quais se destacam a do *Big Bang* e a darwinista, contestaram diversos enunciados da doutrina monoteísta. Contudo, foram incapazes de minar sua convicção de que Deus é o único autor de todas as coisas que existem: – alicerçada na finitude da inteligência humana, dificilmente a ciência poderá provar se o universo foi ou não foi criado pelo Absoluto.

O problema realmente grave se apresenta em relação ao atributo de Deus que mais afeta a nossa necessidade de sentido, mas que, entretanto, é tão suscetível de ser contestado, qual seja a sua – *justiça*.

Observo ainda as opressões todas que se cometem debaixo do sol:
aí estão as lágrimas dos oprimidos e não há quem os console;
a força do lado dos opressores, e não há quem os console.
Então eu felicito os mortos que já morreram, mais que os vivos que ainda vivem.
E mais feliz que ambos é aquele que ainda não nasceu, que não vê a maldade que se
comete debaixo do sol. (Ecle 4,1-3).

Com efeito, os males tão aparentemente injustificáveis quanto os excruciantes e inúteis sofrimentos de tantos desgraçados inocentes com que quotidianamente nos confrontamos no mundo, suscitam, na melhor das hipóteses, a suspeita de que Deus tem desígnios que não podemos conhecer. – Contudo, também nos fazem pressentir a plausibilidade da hipótese de o Criador ser tão cruel quanto somos capazes de sê-lo, tão arbitrário quanto os seres humanos; caso em que o ateísmo se afigura, sobretudo, uma proposta extremamente otimista.⁴ Provar que Deus existe não parece uma tarefa tão difícil diante da absoluta impossibilidade de se provar que ele não existe. Todavia, provar que Deus é bom, em face da experiência de um mundo equivalente ao inferno para a maioria dos homens, parece categoricamente impossível.

– Não obstante, meio mundo crê em Deus.

Será o problema do mal um mistério injustificável? Aparentemente sim, e este ensaio pretende analisar as tentativas (frustradas) de resolvê-lo mediante o recurso às teodicéias, ou seja, os argumentos que pretendem defender Deus da acusação de ser o responsável pelo mal.